

*Tudo se ilumina
para aquêle que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos,
e aponta-vos o
caminho*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)
O F A C H O

DIRECT. E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Redacção na Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm
Rua Guerra Junqueiro, 340 — PÔRTO

COMPOSTO E IMPRESSO NA IMPRENSA MODERNA, L.D.A.
Rua da Fábrica, 80.
PÔRTO

COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS

Don Yahia Ben-Yahia

(Um dos colaboradores de D. Afonso Henriques)

POR A. C. DE BARROS BASTO

Um berbere da tribo dos Masamuds, chamado Mohamed Abu-Abdallah Ben-Thumrut, depois de ter passado vários anos da sua juventude nas escolas de Córdova, do Cairo, de Damasco e de Bagdad, ter feito a tradicional peregrinação a Meca e ter estudado em Bagdad com o famoso sectário Algazali, o reformador e vivificador da religião muçulmana, cujas ideas adoptou, regressou a Marrocos em 1116.

Os ensinamentos de Algazali haviam feito de Ben-Thumrut um fanático austero, enebriado pelo espiritualismo da nova doutrina, forma mais pura do islamismo, baseado no Al-Koran e na vélha tradição, contrastando com a acção do corpo sacerdotal marroquino, que caíra num sêco formalismo religioso, tornou-se o apóstolo dessa doutrina entre as tribus berberes; prègou-lhes a simplicidade nos costumes, o ódio às artes e a guerra aos reis almorávidas, que viviam no meio dos requintes da civilização árabe, repudiando também a ortodoxia sunita e a explicação literal do Al-Koran, que attribuía a Deus os sentimentos e as acções dos homens.

A austeridade da sua vida, a singularidade das suas acções e a audácia das suas palavras não tardaram a granjear-lhe nume-

rosos adeptos. Constantemente seguido por uma multidão curiosa e atenta, pôs-se a prègar nas encruzilhadas, censurando com azedume as voluptuosidades dos ricos, as injustiças dos grandes, os vícios dos imames, a quem acusava de serem infiéis ao Al-Koran. A doutrina que êle ensinava ao povo era tão fácil de compreender como severa a praticar, porque, para êle, todos os dogmas se reduziã a um só, a unidade de Deus, e todos os ritos a uma só oração: — « O Senhor Allah, o mais misericordioso dos misericordiosos, tu conheces os nossos peccados, perdoa-os; tu conheces as nossas necessidades, satisfá-las; tu conheces os nossos inimigos, afasta o mal que êles nos possam fazer. É tudo quanto te pedimos, a ti que és o nosso senhor, nosso criador e nosso apoio ».

A sua acção moralizadora, como reformador de costumes, fêz-se sentir imediatamente.

Aly, o Emir de Marrocos, por muito tempo, recusou-se a punir o agitador, e, tendo-o interrogado, num dia em que o mandou vir à sua presença, considerou-o um doido. Mas, passado algum tempo, em 1120, instado pelos imames, mandou sair da cidade de Marrakesh (Marrocos)

êste inspirado, que amotinava a população e perturbava até os exercícios do culto islâmico.

Ben-Thumrut retirou-se para um cemitério, próximo da cidade, onde construiu uma choupana, e recomeçou as suas prédicas perante uma grande multidão, que, de toda a parte aflua ao seu eremitério. Esta prodigiosa romagem e a efervescência, que provocam no povo as suas audaciosas palavras, assustaram por fim o Emir que deu ordem para o matarem. Avisado por sectários, que tinha no próprio paço do Emir, Ben-Thumrut fugiu para o deserto, Além-Atlas, com os seus mais dedicados partidários, e reuniu com a sua palavra as tribus rudes, donde era originário, como tinha reunido o povo de Marrakesh.

Intitulando-se então Mahdy (*encaminhador*—no caminho de Deus), equivalente a enviado de Deus, nome que lhe haviam dado os seus discípulos, escolheu dez companheiros ou apóstolos, formou um conselho (Diwan) de 50 conselheiros, e, feito assim chefe supremo duma nova seita religiosa, resolveu iluminar à ponta de espada os que não tinha iluminado com a sua palavra.

Como outrora o fundador dos almorávidas, desceu de repente das montanhas à testa dum enorme bando de rudes fanáticos (1121).

O Emir Aly, que neste momento estava na Andaluzia, acabava de sufocar uma revolta em Córdova, quando teve conhecimento da aparição do Mahdy nos seus estados.

Regressou precipitadamente a Marrocos e enviou contra o agitador algumas tropas, que foram desbaratadas logo no primeiro encontro. Uma segunda expedição, mais considerável, sofreu a mesma sorte, dispersada antes de combater por uma espécie de terror pânico. Finalmente foi enviado um exército, comandado pelo próprio irmão do Emir, Abu-Tahir-Temym, o qual não foi mais feliz, sofrendo uma completa derrota.

Depois desta tríplice vitória, o Mahdy e os seus soldados, aos quais deu o nome de almóadas (*al-muahedyn* = unitários) estabeleceram-se atrás das montanhas do Atlas e construíram uma cidade fortificada, chamada TINMAL, no alto dum grande rochedo, donde saíam para contínuas razias na planície.

Tendo durante três anos aumentado as suas forças pelo proselitismo e pela guerra de algaradas, os almóadas desceram então de Tinmal, onde ficou o Mahdy, em número de 30 a 40 mil, comandados pelos dez apóstolos e dirigiram-se para a capital, com a intenção de a tomarem e de destruir com isso o império dos almorávidas.

O Emir Aly reuniu sob o seu comando todas as forças de que dispunha e saiu ao encontro dos almóadas. Apesar da superioridade numérica do seu exército, o Emir foi batido pelos discípulos do Mahdy, e refugiou-se na sua capital onde se entricheirou.

Os almóadas começaram o cerco, mas sendo mais bravos no combate do que em estratégia, deixaram-se surpreender por uma sortida nocturna dos defensores, e foram exterminados nos seus acampamentos. Dos dez apóstolos, seis morreram, e os fracos destroços do seu exército, que deveram a sua salvação ao valor e prudência de Abd-al-Mumen (servo do crente), um dos apóstolos escapados ao massacre, fugiram para o seu refúgio de Tinmal (1125).

Em 1130 morre misteriosamente o Mahdy depois de ter transmitido os seus soberanos poderes ao seu discípulo Abd-al-Mumen, que dirigiu desde então os negócios da nova seita como político hábil e como capitão valoroso. Tendo reparado as perdas da campanha anterior, retomou a ofensiva. Conquistando aldeia por aldeia, tribo por tribo, província por província, apoderou-se a pouco e pouco de todo o Mogreb.

O Emir Aly só podia lutar com êxito contra os almóadas, protegendo-se com as fortes muralhas da sua capital, sendo forçado para sua própria defesa a chamar em socorro seu filho Texufin, governador da Andaluzia, para o vir ajudar com as suas tropas.

Na Península Ibérica o exemplo de Marrocos frutificara. Fizeram-se almóadas os árabes da Andaluzia, e, animados pelas vitórias dos correligionários em África, revoltaram-se em vários distritos contra os almorávidas. Texufin, o filho do Emir Aly, que governava em Espanha, conseguiu deter enérgicamente as rebeliões, mas tendo recebido as cartas, em que seu pai lhe contava o mau estado da causa almorávida e lhe pedia socorro urgente, juntou as melhores tropas almorávidas de Espanha, compostas

de soldados muçulmanos e cristãos e partiu para a África (531 da Hegira e 1137 ou princípios de 1138 da era vulgar).

A Espanha muçulmana, privada das suas melhores tropas, ficara, pode dizer-se, desguarnecida. Os governadores dos castelos e das cidades, sempre predispostos à rebelião, passavam a proceder como senhores independentes.

Os árabes davam o nome de Andaluz à Península Hispânica, e à sua parte ocidental o de Algarve, que significa *Ocidente*. Os autores judeus designavam pelo nome *Scpharad* a parte da Península ocupada pelos mouros; e pelo de *Edom* a parte ocupada pelos cristãos.

O Algarve dividia-se em três províncias: a de *Balata* com as cidades de Santarém, Sintra e de Lisboa; a de *Alcácer* com as cidades de Alcácer, Évora, Badajoz, Xerez, Mérida, Alcântara e Cória; e a de *Alcunu* com as cidades de Faro, Mértola e Silves. Este nome de Alcunu é o antigo nome de *Cuneus* dado pelos geógrafos gregos e latinos à região habitada pelos cunetes ou cynetes, e adoptada pelos mouros.

A ambição dos emires, as dissensões interiores e a guerra civil tinham acabado por fraccionar o grande império hispano-muçulmano numa quantidade de pequenos estados, após o fim dos últimos Omeyyadas. Os historiadores árabes chamam a estes tempos a época dos rasgamentos.

O quadro, que do estado das cousas públicas naquele tempo nos deixaram os escritores árabes, ou contemporâneos ou mais próximos, é, na verdade, lastimoso. A ruína do país, aos olhos das pessoas prudentes, parecia inevitável; porque a decadência moral era extrema. Os homens de probidade e ciência viviam desprezados e esquecidos, e os que se apoderavam das magistraturas públicas ajuntavam à cobiça e ao orgulho completa incapacidade. No meio de guerras civis, feitas sem entusiasmo, sem glória e só por causas abjectas, ao passo que a agricultura se definhava e as artes esmoreciam, o povo deixava aos ambiciosos tratarem das armas, e os homens de guerra habituavam-se a combater mais com os enrdos, do que com o ferro. A paz desaparecera completamente, e ninguém podia contar com a própria segurança. Corria-se evidentemente para a dissolução da sociedade através das discórdias intesti-

nas, e por assim dizer, no país de Andaluz eram já tantos os potentados, quantas as povoações que havia nêles.

A guerra civil de fundamento religioso era quási, pode dizer-se, o regime normal das populações muçulmanas.

Emquanto no Norte de África almóadas e almorávidas se batiam com furor, desde que Texulín, em 1137, corraera a socorrer seu pai o Emir Aly, senhor da Mauritânia e Andaluzia, que se achava em situação desesperada, em Espanha houve uma série ininterrupta de rebeliões provinciais, em que os rebeldes aproveitavam as circunstâncias para se proclamarem independentes.

Afirmam os historiadores árabes, que o primeiro a sublevar-se no Andaluz foi Ibn-Caci, o mais famoso de todos os rebeldes.

Hamed Ibu Husein Ibn-Caci, também chamado Abul Kassim Rumi, era um moçárabe, natural de Silves, que havia abandonado a religião de seus pais, convertendo-se ao Islam e adoptando a doutrina de Algazali, a mesma que inspirara o mahdi dos almóadas.

Um escritor árabe, Ibn-Al-Catibe, diz-nos que Ibn-Caci, na mocidade, ainda em vida de seus pais, vivera com prodigalidade, "até que a luz da verdade o iluminou, e então deu em esmolas os seus bens e foi pelo Andaluz em peregrinação santa. Foi êle que edificou um mosteiro numa alcaria importante, no têrmo de Silves; nêle se reüniam os seus partidários, que foram para o país uma fonte de desgraças".

"Êle quis ter o império e chamou-se Madi. As suas mentiras foram muitas: assim, que êle tinha feito a peregrinação a Meca durante uma noite; que transmitia mentalmente o pensamento que queria; que gastava dinheiro do tesouro de Deus. Quando andava em peregrinação, a gente corria para êle, e uma multidão de eremitas e de gente de guerra tomou o seu partido."

Ibn-Caci apresentando-se como Mahdi (chefe messiânico, dirigido por Deus, que, segundo a crença muçulmana, havia de trazer a felicidade aos homens e fazer triunfar a verdade e justiça) fizera-se chefe da seita dos muridas (*aquêles que conhecem a vontade de Deus*).

Perseguido pelos almorávidas oculta-se e continua com a sua acção expansiva, aproveitando-se das agitações que convulsionavam o país.

(Continua).

Documentário sôbre Maranos

Do livro *Recordações da minha família*, por Israel Salomon — New York — 1887 (5647 E. H.)—(Impresso para circulação particular).

—III. Pág. 10.—

Meu pai era filho de Israel e de Bella Salomon. Morreu repentinamente em Lisboa em Janeiro de 1819, vinte-e-um dias após a sua chegada de Falmouth. Eu estava com meu pai, e o seu falecimento deu-se numa sexta-feira. Pouco antes nós tínhamos alugado um andar não mobilado numa casa de andares, e um conhecido de Cornwall, chamado Phillip Samuel, um polaco, tinha sido convidado por meu pai para cear connosco. Depois da ceia pedi-lhe que ficasse essa noite em nossa casa e no dia seguinte nos acompanhasse à Sinagoga. Pouco tempo depois eu estava deitado e fui despertado pelos gemidos de meu pai e saí apressadamente à meia-noite — a esta hora, em Lisboa, as ruas estão cheias de milhares de cães, os quais vivem dos restos de animais e sobejos de comidas que cada noite despejam das janelas de cada casa.

Apressadamente me dirigi nessa terrível noite para a morada da Sr.^a Júlia Delivant, uma vélha amiga de Londres, e como cheguei a sua casa, foi quási um mistério, por causa do ladrar e dos ataques dos cães e coberto como estava com os despejos arremessados das casas; e depois despertei os inquilinos e chamei um doutor, o qual declarou que a vida se extinguiu, a família do Sr. Schemeya Cohen levantou-se, e os criados, dos quais o cozinheiro se chamava Benrimo, ficaram comigo tóda a noite velando. Meu pai tinha cêrca de 55 anos de idade quando faleceu. O Sr. Phillip Samuel ficou comigo, e nunca me deixou até que liquidei, com o seu auxílio, todos os negócios de meu pai que requeriam cuidado. Isto gastou mais dum ano, e então regressei a casa de minha mãe em Falmouth.

—Pág. 12—

Desapontamentos em assuntos comerciais perseguiram Phillip, e meu tio Lyon Joseph aconselhou-o a ir para Portugal, onde meu tio bem como meu pai, tinham relações

comerciais e por isso recebeu cartas de recomendação para Schemeya Cohen, o mais rico residente em Lisboa.

Phillip era um cavalheiro elegante, usando barba preta. Mas, nestes dias, ninguém excepto judeus usavam na Europa barbas, e a bordo do navio, em que era passageiro, êle pensou na impressão e preconceitos que a sua barba levantaria entre os portugueses e, antes de sair do navio, rapou a barba. Depois arrependeu-se disso, porque conheceu que neste tempo também muitas famílias judaicas da melhor classe mercantil residiam em Lisboa, e descendiam de vélhas famílias judaicas que se tornaram aparentemente cristãs, observando exteriormente cerimónias para salvarem a fortuna e as famílias dos cruéis carniceiros da Santa Inquisição; mas na vida privada familiar êles sempre ficaram judeus até que chegasse a oportunidade de disporem das suas posses e propriedades, e emigraram para a Holanda, Germânia e outras regiões; o Phillip chegou a familiarizar-se com algumas destas famílias de cripto-judeus, e era sempre recebido por êles como um amigo.

Eu lembro-me, num sábadô à noite, virem dois cavalheiros a casa do Sr. Cohen perguntar-lhe a data de Kipur, e êles inclinaram-se respeitosa e perante a Arca; um ajoelhou e chorou como uma criança.

Eu parti no ano de 1820 para Palmouth. O meu pobre amigo Phillip continuou as suas actividades comerciais e recebeu duma casa franceza uma consignação de relógios de ouro. Êle era sempre caritativo, e um rapaz pobre, órfão, foi-lhe recomendado para o auxiliar nos seus negócios comerciais. Êle tomou o rapaz para sua casa e confiança, e um dia, ao regressar a casa, notou que o rapaz aparentava uma certa perturbação.

Êle disse que tinha abandonado a casa por pouco tempo e na sua ausência alguém entrara e roubara o *stock* de relógios de ouro. O pobre Phillip ficou desnortado e foi à polícia, acompanhado pelo rapaz, que contou a sua história. Algumas semanas depois o Sr. Samuel era avisado que devia ir pessoalmente perguntar em tódas as ourivesarias para ver se podia encontrar qualquer indício, e êle disse ao rapaz que fôsse com êle. Em frente duma casa o rapaz

disse:— "Não é preciso entrar aí, porque já aqui estive". Mas o Sr. Samuel entrou e insistiu com o rapaz para que entrasse com êle. Logo que o ourives viu o rapaz e ouviu a pergunta do Sr. Samuel, disse que tinha comprado àquele rapaz um relógio de ouro; quando o relógio foi reconhecido como um dos objectos roubados, o rapaz foi entregue às mãos da polícia e metido na prisão.

Êle converteu-se ao cristianismo e foi pôsto em liberdade devido à intervenção do seu padrinho, um habitante de Lisboa com muita influência.

O gatuno encontrou o meu amigo em plena rua e insultou-o. Êste encontro inesperado com o culpado matou o pobre Samuel, que, voltando para casa, morreu poucas horas depois, com uma síncope cardíaca.

O pobre Samuel era muito versado em literatura judaica; e estando muitos judeus ilustrados de Marrocos e da Arábia em

nossa casa, e falando connosco e discutindo sôbre os seus livros, eu podia ter aprendido muito destas fontes. Êles tinham satisfação em me ensinar o hebraico, para conversar e ler com êles os livros hebraicos. Mas, como a maioria da gente môça, eu gostava mais de leituras amenas, e quando cheguei à meia idade amargamente lastimei ter perdido êste fundo enorme de conhecimentos que tão facilmente podia ter adquirido.

Nota da Redacção.— Êste documento não só prova a existência de inúmeros e abastados cripto-judeus ou maranos em Lisboa em 1819 e 1820, mas também a existência duma sinagoga em casa dum judeu britânico, numa época em que existia ainda a Inquisição em Portugal.

Êste interessante documento foi-nos enviado pelo Ex.^{mo} Sr. Wilfred S. Samuel, de Londres, em 21 de Agosto de 1933, a quem cordialmente agradecemos.

Combatentes da Guerra Civil em Espanha

Alistaram-se voluntariamente no Tércio espanhol, que combatia ao lado dos nacionalistas, os seguintes ex-alunos do Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah):

— João (Johanán) Vaz Quina, natural de Argozelo, concelho de Vimioso, distrito de Bragança.

— Rodrigo (Eliezer) de Sousa Ferreira e Costa, natural de Penafiel, distrito do Pôrto.

— Adriano Augusto (Aarão) do Nascimento Almeida, natural da Mêda, distrito da Guarda.

De nenhum dêles há notícias de estarem vivos; o último ainda escreveu várias vezes para o Instituto, sendo a sua última carta enviada da frente do Ebro, dias antes da ofensiva dos governamentais nessa zona.

Se Deus os chamou à sua divina presença, que use para com êles da sua infinita misericórdia.

Emigrantes maranos

Emigraram para os Estados Unidos do Brasil, vários maranos de Trás-os-Montes, entre êles o Sr. Júlio César de Alge, natural de Lagoaça e que viveu muitos anos em Chaves.

— Também emigraram para o Brasil, os seguintes ex-alunos do Instituto Teológico Israelita (Yeshibah Rosh-Pinah):

— Manuel Augusto (Emanuel) Rodrigues, natural de Vilarinho.

— Artur Henrique (Abraham) Lopes, natural de Vilarinho.

— António (Yomtob) Rodrigues, natural de Belmonte.

— Manuel António (David) Lapo, natural de Vila Nova de Gaia.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

VIDA COMUNAL

PORTO

Ano Novo das Árvores — Realizou-se nesta comunidade a solenidade de Rosh-Ha-shanah Lailanoth (Ano novo das árvores) e 2.º aniversário da inauguração solene da nossa magnífica Sinagoga Kadoorie.

Em seguida ao acto de culto, houve um *Pôrto-de-Honra*.

O Rev. Moreh (Preceptor), David Moreno usando da palavra, disse:

«Minhas Senhoras e meus Senhores:

A data de hoje, *15 de Shebat*, é uma data digna de permanecer na memória dos judeus em geral e dos maranos em particular. Comemora o dia de *rosh-ha-shanah* (ano novo das árvores); e comemora o dia da inauguração da Sinagoga Kadoorie Mekor Haïm, que coincidiu com o (5.º centenário) aniversário de Dom Isaac Abravanel. Este célebre judeu, de fama universal, nasceu em Lisboa em 1437 e descendia da Casa Real de David.

Com tal riqueza de tema podia hoje, minhas Senhoras e meus Senhores, falar durante muitas horas, contar-lhes detalhadamente a vida dos maranos, descrever o notável papel das árvores na vida da humanidade, etc. Mas estes assuntos são já do conhecimento da grande maioria dos que me escutam, que teve mesmo o prazer de assistir à inauguração desta catedral. Limitar-me-ei portanto a lembrar-lhes em breves palavras os acontecimentos a que me venho referindo.

Em referência aos maranos é-me extremamente grato ler um fragmento da Mensagem da União Universal das Comunidades Sepharditas, dirigida à nossa Comunidade quando da sua inauguração (faz portanto dois anos):

«Se a sobrevivência de Israel tinha necessidade duma prova, os maranos do Pôrto

ali estão para a fornecer. O recente regresso dos maranos à fé judia após vários séculos de exercício dum culto ao qual foram convertidos pela violência, não é um facto espantoso nos anais da mística humana e um testemunho brilhante da força invencível do espírito judeu?

Durante séculos, na sombra, nas criptas, a pequena flama deste espírito era transmitida de geração em geração, enquanto sobre o solo flamejavam as chamas da inquisição.

Que admirável força de resistência!

Que luta desigual!

E contudo, chegou um dia em que a flama do espírito passou por cima das chamas da fogueira. Estas extinguiram-se para sempre e outra flama eterna fez a sua reaparição.

Inaugurando o seu templo, os maranos do Pôrto celebram ao mesmo tempo o triunfo da liberdade de consciência sobre a opressão religiosa, sobre tôdas as opressões. O templo do Pôrto, mais que todos os outros templos de Israel, é um monumento que contará aos que passam na linguagem da sua massa, das suas linhas e do seu nome, uma das mais comoventes epopeias judaicas.

O novo templo do Pôrto constituirá, sem dúvida, não somente uma casa de orações, mas também uma mansão de estudos judaicos.

Será um lar onde a alma e o espírito encontrarão o seu alimento: a alma, a piedade; o espírito, o estudo. E quem sabe? Talvez, graças à síntese destes dois grandes valores, reflorescerá sobre a terra de Portugal um judaísmo tão elevado como nos tempos memoráveis de Dom Isaac Abravanel.»

A nossa Sinagoga foi a primeira que, após a Inquisição, se ergueu no Pôrto. A última fôra transformada em igreja — a igreja de S. Bento da Vitória. É depois de quási cinco séculos que o monumento onde

nos encontramos afirma nas suas linhas fortes e majestosas a grandeza duma fé que se julgava morta.

Foi a coroa de louros do Sr. Capitão Barros Basto, o marano que consagrou a sua vida ao estudo da religião dos seus antepassados, ao resgate dos seus irmãos de fé. Foi êle que, com o seu entusiasmo ardente e comunicativo, conseguiu interessar o mundo inteiro pela sua causa, pela causa dos descendentes das vítimas da Inquisição, que, ao Norte de Portugal, ocultavam os restos das suas crenças!

O mundo inteiro teve ocasião de admirar a coragem daqueles que durante mais de quatro séculos mantiveram, a-pesar-de tôdas as hostilidades do meio em que viviam, a sua fé, as suas orações, as suas tradições.

Jornais de todo o mundo falaram dos maranos e lhes fizeram justiça. Vários livros se escreveram também sôbre êles. Destaco, *Sob o encanto de Portugal*, escrito por M.^{me} Lili Jean Javal, illustre escritora francesa, e *Os maranos de hoje* da autoria do erudito escritor inglês Dr. Cecil Roth.

Na cerimónia da inauguração desta Catedral judaica fêz-se representar também quasi o mundo inteiro. De todos os países nos chegaram mensagens de fraternal affecto, palavras de admiração e encorajamento. Da Comunidade de Lisboa vimos entre nós mais de 40 pessoas. Tôdas as comunidades e núcleos maranos da província enviaram os seus delegados, em cujos rostos se lia bem a comoção que lhes ia na alma. O templo cheio de imponente beleza parecia-lhes um sonho, uma construção impossível para êles, que, durante tantos anos se viram forçados a ocultar a voz da sua alma, a voz da sua fé, a voz da fé de seus pais.

Mas, minhas Senhoras e meus Senhores, eu prometi-lhes não me demorar demasiado com êste assunto, não porque lhe falte grandeza, mas por me faltarem recursos a mim, e portanto não devo abusar da benevolência dos que me escutam.

Passarei apenas a dizer mais algumas palavras sôbre o ano novo das árvores:

«Se compararmos a Palestina de ontem com a de hoje, notaremos uma extraordinária diferença. Ontem era a Palestina em ruínas, a Palestina estéril constituída espe-

cialmente por extensíssimos e incultos areais, a Palestina que enchia de tristeza todos os viajantes que sabiam ter sido aquela a terra que "manou leite e mel" de outrora, a chorada e cantada pátria dos nossos antepassados. Hoje os viajantes que visitam a Palestina sentem uma vida nova dentro de si, sentem que ainda têm uma pátria, uma pátria bela e digna de ter sido o berço duma civilização brilhante, e sente sobretudo esperança e confiança no futuro.

E tudo isto porquê? Graças ao esforço dos pioneiros que não se esqueceram nunca de que a Palestina fôra linda e manara leite e mel... porque era arborizada. Para a ressuscitar bastava pois ressuscitar as árvores, ou melhor, plantar árvores. Hoje nos anteriores e extensos areais, árvores de fruto de tôda a espécie oferecem a sua sombra agradável, a sua frescura, a sua beleza, a sua riqueza. E aquelas árvores amigas e boas dão tudo, dão inclusivamente um exemplo de coragem e firmeza na árdua luta pela existência. A festa da árvore é, minhas Senhoras e meus Senhores, uma grande lição de moral em primeiro lugar, visto exaltar um dos mais belos sentimentos da nossa alma, como seja a gratidão por todos os nossos amigos, pequenos e grandes, ricos e pobres. A festa da árvore é ainda e principalmente um grandioso acto de solidariedade humana, um elo que liga à nossa geração as gerações que passaram e ligará a nossa às gerações futuras. Honrando as árvores que assistiram ao nosso nascimento, honramos a memória dos que nos precederam e as plantaram. Plantando árvores que nos hão-de sobreviver, deixamos monumentos assinalando a nossa passagem sôbre a terra, provando aos nossos filhos e aos nossos netos, que pensamos nêles com carinho e com amor. Finalmente, minhas Senhoras e meus Senhores, plantando árvores multiplicamos honrosamente o património dos nossos antepassados e contribuimos para a prosperidade e grandeza da nossa pátria.»



Purim — Também esta festa comemorativa do livramento do povo judeu, graças à intervenção da Rainha Esther junto de El-Rei dos persas Artaxerxes (na Bíblia Ashyerosh), e da punição do maldito ministro Aman, que foi enforcado na fôrca

que havia levantado para o notável judeu Mordesai; foi solenizada nesta comunidade. A recitação do Livro de Ester (meghilath Esther) foi feita pelo digno 1.º Secretário Sr. Menasseh Bendob.

O Rev. David Moreno fêz uma palestra alusiva a esta comemoração.



Pessah' — Decorreu brilhantemente esta festa da libertação do povo judeu da escravidão egípcia. A assistência aos actos de culto foi numerosa e selecta. O pão ázimo (matsah) foi fornecido pela Comunidade de Lisboa e era de fabricação legal inglesa.



Shebuoth — Esta festa comemorativa da outorga da Lei no monte Sinai, realizou-se na Sinagoga Kadoorie Mekor Kaïm perante numerosa assistência de judeus portugueses, alemães, polacos, austríacos, russos, etc.

Registamos com satisfação, que a frequência de fiéis aos actos litúrgicos da Sinagoga cada vez é mais numerosa. Deus encaminhe aquêles que ainda andam transviados do caminho da Fé.



Amparo dos desterrados — Os senhores do Mahamad (Junta Directora) desta Comunidade, em sessão de 5 de Maio, p. p., tomaram a seguinte deliberação:— Devido à grave situação internacional muitos dos nossos correligionários são obrigados a abandonarem a sua terra natal e procurarem uma nova existência em outras terras, e como muitos se têm dirigido à nossa Comunidade pedindo assistência, e como a solução parcial ou total não está de acôrdo com a finalidade de nenhuma das nossas secções, por proposta do Sr. Presidente é criada uma nova secção, denominada SOMEKH HA-GOLIM (Amparo dos desterrados) destinada a dar assistência moral e, tanto quanto possível, material a êsses desterrados judeus, devendo criar-se um arquivo privativo desta secção, onde serão colleccionados os documentos relativos a êste assunto, mesmo os de casos já resolvidos antes da criação desta secção.

Paul Goodman



Pelo jornal *The Jewish Chronicle* tomamos conhecimento que no dia 10 de Abril próximo passado completou 65 anos de idade o Sr. Paul Goodman, digníssimo Vice-Presidente honorário da nossa Comunidade, Secretário Honorário do Portuguese Maranos Committee, de Londres,



PAUL GOODMAN

publicista notável e incansável organizador de úteis e boas actividades judaicas.

Ha-Lapid e todos os que têm tido a honra de conhecer pessoalmente êste nosso ilustre correligionário, desejam-lhe uma longa e próspera vida, cheia de satisfação e alegria, para seu benefício e da causa judaica, que tanto necessita de tais homens.
Be-siman Tob.